

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2021

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sociologia: das ausências às emergências

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alessandro Teixeira Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologia: das ausências às emergências / Organizador Alessandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-970-7

DOI 10.22533/at.ed.707211504

1. Sociologia. I. Ribeiro, Alessandro Teixeira (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Combater a ausência a partir da emergência. Boaventura de Sousa Santos, um dos principais sociólogos da atualidade, aborda em seu pensamento a necessária quebra da colonização e da razão indolente, para o estabelecimento de um paradigma norteado pela multiplicidade de identidades e pela atuação contra-hegemônica a partir da abordagem do cosmopolitismo.

Esta perspectiva sociológica é o que norteia a edição da presente obra intitulada “Sociologia: Das Ausências às Emergências”, livro que reúne diversas contribuições para o debate de temas relativos ao cenário de diversidade e de pesquisas e abordagens teóricas descolonizadoras. Os capítulos da obra são resultantes de artigos e divulgação de investigações ancorados no campo da Sociologia, mas que dialogam com outras áreas do saber, como história, ciência da saúde, direito, comunicação, dentre outros.

Da mesma forma que o conceito central do livro é de origem e de debate múltiplo, as pesquisas que reforçam o conceito das Ausências às Emergências também são de localidades distintas, reforçando o caráter cosmopolita da pesquisa. Assim, as contribuições da presente obra não se encerram no cenário de excelência em pesquisa nas instituições privadas e públicas do Brasil, mas ultrapassam os limites nacionais para reunir também pesquisas desenvolvidas no eixo ibérico, em especial em universidades e centros de pesquisas de Lisboa, Braga e Madrid.

O quadro final é o de um livro com múltiplos olhares científicos que aprofunda olhares sobre temas como democracia racial, a luta das Mães de Acarí por justiça, a ética do cuidado, a identidade laboral, questões ambientais, e até a necessária inclusão da Sociologia no currículo básico de ensino. A relevância dos temas, a profundidade das análises e o rigor das investigações tornam a coletânea “Sociologia: Das Ausências às Emergências” uma leitura fundamental para o debate dos assuntos invisibilizados socialmente, e para quem busca tornar presentes e reais os assuntos ausentes.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CRISE DA MODERNIDADE OCIDENTAL E A PÓS-MODERNIDADE NO PENSAMENTO SOCIOLOGICO DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Rodrigo Davi Almeida

DOI 10.22533/at.ed.7072115041

CAPÍTULO 2..... 17

A DEMOCRACIA RACIAL COMO UM PROJETO DE PLANIFICAÇÃO SOCIAL NO PENSAMENTO DE GUERREIRO RAMOS

Nikolas Gustavo Pallisser Silva

Alan Caldas

DOI 10.22533/at.ed.7072115042

CAPÍTULO 3..... 38

EL IMPACTO RELACIONAL DE LA POBREZA EN LA INFANCIA Y LA ADOLESCENCIA APORTES DESDE EL ANÁLISIS DEL BIENESTAR DE LA INFANCIA EN ESPAÑA 2007-2015

Gonzalo de Castro Lamela

Clarisa Giamello

DOI 10.22533/at.ed.7072115043

CAPÍTULO 4..... 52

O REGIME DE PODER E O CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19: UMA ANÁLISE DE MICHEL FOUCAULT À ACHILLE MBEMBE

Diego Borges Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.7072115044

CAPÍTULO 5..... 67

MISSÕES DE PAZ DA ONU SOB A PERSPECTIVA DA ÉTICA DO CUIDADO

Claudia Santos

Marlene Tamanini

DOI 10.22533/at.ed.7072115045

CAPÍTULO 6..... 83

DA EMERGÊNCIA DO PROBLEMA AMBIENTAL À EMERGÊNCIA DO AMBIENTE NA SOCIOLOGIA

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.7072115046

CAPÍTULO 7..... 98

DE DENTRO E DE FORA: ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO E PERMANÊNCIA EM UMA COMUNIDADE RURAL NO LITORAL NORTE DA BAHIA

Diana Anunciação Santos

DOI 10.22533/at.ed.7072115047

CAPÍTULO 8	110
ENTRE PORTUGAL E ESTADOS UNIDOS: O IMPACTO DAS DESIGUALDADES EM DUAS ROTAS DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS	
Rovênia Amorim Borges	
Renísia Cristina Garcia-Filice	
DOI 10.22533/at.ed.7072115048	
CAPÍTULO 9	125
ESPACIALIDADES DO ESPIRITUAL NA PINTURA PÓS-MODERNA: CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO TRANSCENDENTAL MÍSTICO NA LINGUAGEM PICTÓRICA DA OBRA DE ARTE	
Salomé Marivoet	
DOI 10.22533/at.ed.7072115049	
CAPÍTULO 10	140
SIGILO PROFISSIONAL EM EQUIPES INTERPROFISSIONAIS: ALGUMAS REFLEXÕES	
Isabela Sarmet de Azevedo	
Bárbara Carlos Souza	
Juliana Manhães Fernandes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.70721150410	
CAPÍTULO 11	152
FORMAÇÃO DOCENTE E MERCADO DE TRABALHO: A INSERÇÃO DOS EGRESSOS DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS CDSA/SUMÉ NO MERCADO DE TRABALHO NO PERÍODO DE 2013 A 2017	
Edmilson Cardoso da Silva	
Diane Ângela Cunha Custódio	
Ana Lúcia Nery Sabath	
DOI 10.22533/at.ed.70721150411	
CAPÍTULO 12	166
MOVIMENTOS SOCIAIS E CLASSES SOCIAIS NA COSTURA	
José Guirado Neto	
DOI 10.22533/at.ed.70721150412	
CAPÍTULO 13	180
O HISTÓRICO DAS LUTAS PELA INSERÇÃO DA SOCIOLOGIA NO CURRÍCULO BÁSICO DE ENSINO BRASILEIRO: REFLEXÕES ACERCA DO ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE ACADÊMICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	
Suelén Alves da Silva	
Sabrina da Silva Sousa	
Marco Aurélio Neves	
DOI 10.22533/at.ed.70721150413	
CAPÍTULO 14	193
UMA TIPOLOGIA DOS ESTUDOS SOBRE O PODER LOCAL NO BRASIL: CAPITAIS, ESTRUTURAS E INSTITUIÇÕES	
André Barsch Ziegmann	
DOI 10.22533/at.ed.70721150414	

CAPÍTULO 15	207
DESMISTIFICANDO UM CLAMOR SOCIAL CRIMINOSO E CRIMINALIZANTE Rafaela Lourenço da Silva Alexandra Lourenço DOI 10.22533/at.ed.70721150415	
CAPÍTULO 16	220
A LUTA DAS MÃES DE ACARI POR JUSTIÇA Dandara Vicente Soares DOI 10.22533/at.ed.70721150416	
SOBRE O ORGANIZADOR	232
ÍNDICE REMISSIVO	233

CAPÍTULO 9

ESPACIALIDADES DO ESPIRITUAL NA PINTURA PÓS-MODERNA: CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO TRANSCENDENTAL MÍSTICO NA LINGUAGEM PICTÓRICA DA OBRA DE ARTE

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 04/01/2021

Salomé Marivoet

ISCTE-IUL, CIES

Lisboa - Portugal

<http://orcid.org/0000-0003-2109-3114>

RESUMO: Em cada época e cultura, a arte representa uma visão do mundo, de apreensão do real objectivo e subjectivo, fortemente determinado pelas crenças religiosas dominantes. Desde o Renascimento que a desmitificação do mundo levou ao seu desencantamento. Na arte, e em particular na pintura, este facto motivou a procura de novos elementos plásticos integradores da totalidade na leitura das obras de arte. Nos tempos presentes, a designada pós-arte enfatiza a arte pela arte, a técnica, e a fragmentação do real, sinalizando a perda do sentido existencial e do espiritual na apreensão do mundo. Ainda assim, tanto quando podemos concluir, encontramos nas obras de arte de Kandinsky e Rothko uma representação de real unificado, cuja plena compreensão só se torna possível à luz da narrativa mítica abstracta, quântica e cosmológica da espiritualidade da Nova Era.

PALAVRAS - CHAVE: Nova Era; Espiritualidade; Espaço; Linguagem; Arte.

SPACIALITIES OF THE SPIRITUAL IN POST-MODERN PAINTING: CONTRIBUTIONS TO THE STUDY OF THE MYSTIC TRANSCENDENTAL IN THE PICTORIAL LANGUAGE OF THE ARTWORK

ABSTRACT: In every age and culture, art represents a vision of the world, the apprehension of the real objective and subjective, strongly determined by the dominant religious beliefs. From the Renaissance the demystification of the world led to his disenchantment. In art, particularly in painting, this has motivated the search for new plastic integrating elements to reading the whole of artworks. In the present days, the entitled postart emphasizes art for art, the technique, and the fragmentation of the real, which signaling the loss of existential meaning and the spiritual in the apprehension of the world. Still, as much as we can conclude, we found in Kandinsky's and Rothko artworks a unified real representation, whose full understanding becomes possible only in the light of the mythic narrative of the New Age spirituality, that is abstract, quantum and cosmological.

KEYWORDS: New Age; Spirituality; Space; Language; Art.

1 | INTRODUÇÃO

Como Durkheim (2000) e Weber (1990) demonstraram, as religiões são um produto das sociedades em que emergem, e que inspiram e animam os seus crentes a agirem na construção de uma nova realidade. Consequentemente, a

representação pictórica da imaterialidade e intemporalidade da realidade mítica ou espiritual tem assumido diferentes reelaborações decorrentes dos contextos sociais e culturais em que emanam, determinadas, quer pelas crenças religiosas ou capacidade cognitiva de aceder ao espiritual divino, quer pelas condições sociais da produção artística, incluindo os recursos técnicos e plásticos acessíveis ao artista nas suas criações.

Como evidencia a realidade dos factos históricos, ainda que de forma não esperada, o sistema de crenças religiosas constitui uma alavanca poderosíssima na acção social, e também na representação do mundo ou do real. Ao contextualizar histórica e culturalmente a arte nas diferentes civilizações, Herbert Read (1946) sublinha, como as pinturas rupestres constituem testemunhos raros das civilizações que há muito deixaram de existir, trazendo até aos nossos dias a sua visão mítica da realidade. Mais recentemente, Dawn Perlmutter & Debra Koppman (1999) reuniram um conjunto de contributos, cujas reflexões alargadas às múltiplas manifestações artísticas no tempo e nas culturas das sociedades contemporâneas, incluindo as tradicionais ou ditas primitivas, evidenciam o estado da arte do que designam de *reemergence* do sagrado na nossa cultura. A partir de noções como ‘pós-modernismo’, ‘religão’ e ‘espiritualidade’, os contributos reunidos por estes autores podem constituir-se pontos de partida para novas teorizações.

Certamente, que o aprofundamento sociológico do espiritual na arte constitui um espaço de saber com enormes potencialidades para o conhecimento da realidade. Como afirmava Herbert Marcuse, “a verdade da arte reside no facto de o mundo, na realidade, ser tal como aparece na obra de arte.” (2007, p. 11). Mas o autor reconhece-lhe ainda o poder transformador ou revolucionário, não pelo seu potencial político, mas pelo contrário, pela sua dimensão estética, pois, como afirma, “quanto mais imediatamente política for a obra de arte, mais ela reduz o poder de afastamento e os objectivos radicais e transcendentais de mudança”.

Partindo então destes pressupostos, *i.e.*, que a arte é um importante meio de conhecimento da concepção do real em cada sociedade, civilização ou cultura, ao mesmo tempo que detém um aporte revolucionário, na medida em que se pode distanciar da realidade do seu tempo, e desse modo agir sobre ela, pretendemos saber, em que medida a espiritualidade da Nova Era como fenómeno religioso emergente das sociedades contemporâneas reflexivas e pós-tradicionais, tal como tínhamos aprofundado em anterior investigação, se manifestaria na arte, e em particular na pintura.

2 I ARTE, SOCIEDADE E ESPIRITUALIDADE

Como não poderia deixar de acontecer, se as sociedades humana foram determinadas durante séculos pelas crenças religiosas, que a arte que se foi produzindo no contexto cultural mítico-religioso, só poderia representar as visões integradoras do real decorrentes das crenças que as foram sustentando, e aí, arte e religião encontraram-

se intimamente ligadas. Mas como refere James Elkins, “alguma coisa aconteceu na Renascença. O significado da arte mudou, e pela primeira vez começou a ser possível fazer objectos visuais que glorificam o artista, e muitas vezes levam os espectadores a pensar mais nas capacidades dos artistas, do que no conteúdo das obras de arte.” (2004, p. 7). Elkins refere-se aqui às mudanças introduzidas pelos ideais do movimento renascentista, entre os finais dos séculos XIV e XVII, em particular a independência da organização social face às estruturas religiosas, a centralidade no Homem e no conhecimento científico por si produzido na explicação da realidade.

Como afirma Donald Kuspit, pessoas espirituais são nos tempos presentes consideradas *naive*, e como a ironia se tornou o actual desiderato na arte contemporânea de modo a resgatar o materialismo dominante, se não se agir desse modo “*you’re not in*” (2003, p. 1, 4). Ainda assim, haverá de ter presente, como argumenta Howard Becker (2010 [1983]), p.197) em *Mundos da Arte*, que esta não está apenas confinada ao que designa de “profissionais integrados” (os que reproduzem a arte legitimada), continuando esta a ser produzida pelos “mavericks”, os artistas populares e os *naifs*. Porém, neste debate, a teoria de campo de Bourdieu (1994) permite-nos compreender melhor o que Kuspit nos quis dizer com a expressão “não estás dentro”, pois o processo de deslegitimação da arte não é pacífico, nem está ausente de interesses e valores dominantes.

Na realidade, o que sugere a realidade dos factos, é que o *nomos* do campo das artes se encontra actualmente determinado por uma visão técnica e positivista, e por isso as concepções que aí se possam expressar à margem dos valores dominantes correm o risco de ser deslegitimadas, daí o debate aberto sobre a fronteira que determina a entrada ou não no campo, e que em última análise remete para o que é e o que não é considerado arte. A este propósito Jean Baudrillard ironiza com perspicácia, ao afirmar: - “Toda a duplicidade da arte contemporânea está lá: reivindicar a nulidade, a insignificância o não-sentido, visando a nulidade enquanto se é já nula. Visar o não-sentido enquanto se é já insignificante. Pretender a superficialidade em termos superficiais.” (2005, p. 87).

Na procura de argumentos da emancipação da arte, podemos trazer ainda ao debate a tese de Carlos Vidal. Este autor defende que a partir do Impressionismo “nasce[u] o primado da opticalidade sobre a identificabilidade”, processo que terá culminado segundo afirma, “na defesa da arte abstracta e noutra tese fundamental: a de que não existe progresso em arte, precisamente porque a busca da especificidade é invariante”, o que o leva a defender a tese da opticalidade da pintura e da sua invisualidade (VIDAL, 2015, p. 252). São pois abordagens desta natureza, que terão levado Donald Kuspit a defender: - “Arte não é mais belas-artes [*fine art*], isto é, a expressão e a mediação de experiências estéticas.” (2004, p. 28).

De facto, encontramos hoje na academia da arte um pendor técnico-científico que espartilha a criatividade, ao cristalizar uma visão tecnicista da realidade como chancela da criação artística. Por exemplo, Rui Serra, em *VOX DEI. Metáfora(s) da Espiritualidade*,

propõe-se como afirma, “criar um conjunto de trabalhos cuja dimensão visual possa elevar a fruição dos espectadores a uma dimensão emocional e, se possível, também espiritual” (2013, p. 10), tendo mobilizado para o efeito o referencial mítico da Tradição numa construção plástica com forte pendor na técnica.

Como defende Kuspit, a tecnologia tornou-se a grande inspiradora da arte na actualidade, pois “tem vindo a substituir a teoria, a crítica social e o inconsciente na pós-arte, é por isso que parece cada vez mais impossível ser-se um artista sem também ser - na verdade, ser primeiro - um engenheiro, especialista em computador, ou um técnico de vídeo.” (2004, p. 105). Esta afirmação corrobora a tese, de que nos encontramos na era da técnica, como defendem Bragança e Cruz (2002), marcada pela sua determinação em larga escala nas mudanças em curso, e de forma não esperada, em particular nas ligações entre as pessoas e nas suas próprias vidas, com maior evidência depois do surgimento da internet em meados dos anos noventa. Decorrentemente, Bragança de Miranda encontra uma estética na experimentação da vida pelo elo da técnica, afigurando-se-lhe mesmo esta constituir-se o elemento unificador do real nas sociedades em rede na presente era da “*machina ex deus*” (2008, p. 86). Já no lado oposto à visão tecnicista temos a visão espiritualista de Wouten Hanegraaff, que ao observar as mudanças nas crenças religiosas no mundo ocidental, defende que a ciência da Nova Era “procura uma visão unificada do mundo que inclua a dimensão espiritual.” (1998, p. 63).¹

Que vivemos hoje numa sociedade marcada pela tecnologia não oferece questionamento, pois podemos senti-la todos os dias nas nossas vidas; que o real representado na arte se tornou cada vez mais determinado pela técnica, também não oferece dúvidas, basta observar as produções artísticas trazidas a público nas inúmeras exposições e instalações que vão tendo lugar nos museus e galerias um pouco por todo o lado. Porém, também não oferece qualquer dúvida, que no devir social confluem efeitos não esperados! É que a técnica é na sua essência um meio, mas na exaltação da inovação que tem vindo a provocar, nos estímulos e nas mudanças rompantes que provoca, pode criar uma ilusão inebriante no observador, que o leva a tomar a parte pelo todo, por isso a requerer cautela por parte do investigador social.

Como tem vindo a ser consensual, o enfraquecimento no Ocidente das crenças religiosas a partir do Renascimento levou à fragmentação do real, numa visão científica e tecnológica do mundo da matéria em que habitamos que, conseqüentemente, se reflectiu nas artes e na vida em geral. Ora, se a arte tem o poder de se afastar do real imediato, e nesse sentido ser revolucionária ao projectar novas tendências, tal como Marcuse (2007) defendeu e nós concordamos, haverá pois que as procurar nas produções artísticas.

¹ Sobre o movimento espiritual da Nova Era veja-se: HEELAS (1996); HANEGRAAFF (1998); SUTCLIFFE & BOWMAN (2000); HUNT (2004); HEELAS & WOODHEAD (2005); SUTCLIFFE & GILHUS (2014); MARIVOET (2015); GUERRIERO (2015).

3 I O PROBLEMA E A ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO

Dando resposta à nossa questão inicial, que pretendia saber se o real à luz da espiritualidade da Nova Era se encontraria de algum modo representado na pintura, procedemos a uma análise exploratória sobre o tema nas criações pictóricas dos artistas consagrados. Ressaltaram-nos então as obras escritas e artísticas de Kandinsky e Rothko, justamente por encontrarmos nas suas criações plásticas uma dimensão espiritual, ainda que sem o apelo à contemplação da representação estética de divindades antropomorfizadas ou acessíveis através de símbolos ou imagens metafóricas, como foi característico na Tradição pré-Renascentista ou na Esotérica (HOWARD, 2015; BAAL-TESHUVA, 2003) ².

Tanto quanto nos foi dado observar nas propostas plásticas dos dois artistas em análise, encontra-se a objectivação do espiritual enquanto *coisa viva*, *i.e.*, a obra de arte constitui-se como espaço de fruição, de experimentação do transcendental no plano da imanência, na acepção de Deleuze (1995), de vivência, de movimento para o desconhecido, o não revelado, por isso invisível mas ainda assim tangível. Neste contexto, definimos como objecto de estudo, aprofundar a compreensão de uma nova expressão do transcendental místico na pintura abstracta de Kandinsky e Rothko, marcada pela vontade dos artistas em implicar o público no envolvimento imanente com o objecto de arte, enquanto artefacto de comunicação do *self* com o espiritual atemporal, que a todos permeia. Como opções metodológicas, recorreremos à análise das obras escritas dos dois artistas (KANDINSKY, 1987; ROTHKO, 2007), mobilizando quatro dimensões de análise, subdivididas em variáveis quando necessário ³.

A escolha destes dois consagrados artistas do século XX para o aprofundamento do nosso objecto de estudo, tornou-se então incontornável, justamente pela ruptura inovadora que estabeleceram, ainda que com particularidades diferenciadas, e pelo facto de ambos nos terem deixado uma obra escrita sobre as suas concepções de arte, e em particular da pintura. Como veremos, os dois pintores inovaram ao plasmar nas suas criações plásticas uma nova concepção da unidade do real no espaço pictórico. Esta constatação, levou-nos a reformular o nosso objecto de estudo, pois no percurso da investigação há um ir e vir entre a teoria e a prática. Pretendemos então saber, em que medida as rupturas introduzidas na pintura de Wassily Kandinsky (1866-1944), e continuadas pela pintura de Mark Rothko (1903-1970), sinalizam as novas concepções do real associadas ao movimento espiritual da Nova Era.

2 Ambos de origem russa, embora Rothko de ascendência judia.

3 Dimensões da análise documental: – 1) O sentido do artista (1.1. O objectivo ou vontade; 1.2. As condições e os meios de produção); 2) A linguagem da pintura (forma, cor, composição, planos, textura, movimento, etc.); 3) Comunicação da obra de arte (3.1. Implicação do público e, 3.2. Recepção transcendental).

4 I A REPRESENTAÇÃO ABSTRACTA DO REAL EM KANDINSKY

Wassily Kandinsky norteou toda a sua obra artística, na recolocação do espiritual na representação pictórica, tendo sido pioneiro na construção plástica com recurso unicamente a formas abstractas. A concepção de criação artística que defendeu, funda-se na sua experiência plástica, como refere, “na arte, a teoria nunca precede a prática, mas o contrário”, acrescentando, “na arte tudo pertence aos domínios da sensibilidade, sobretudo nos seus começos”, afirmando mesmo que, “de início, só através da sensibilidade se atinge a verdadeira arte”, o que o leva a concluir que “é a intuição que dá a vida à criação”, pois, como adverte, “mesmo que se parta das mais exactas proporções, dos pesos e das medidas mais precisos, nem o cálculo nem a dedução podem proporcionar um resultado justo” (KANDINSKY, 1987, p. 76).

Como vemos, o artista enfatiza a intuição na criação artística, determinada por um sentir interior consciente que designa de *Necessidade Interior* ou *Voz Interior*⁴, nas suas palavras:

O artista deve ser cego para as formas “reconhecidas” ou “não reconhecidas”, surdo aos ensinamentos e desejos do seu tempo. Os seus olhos devem abrir-se para a vida interior, e os seus ouvidos estar atentos à voz da *Necessidade Interior* (KANDINSKY, 1987, p. 76).

Se recuarmos no tempo, e nos situarmos no início do século passado, onde o ‘credo’ no positivismo facilmente etiquetava de superstição qualquer julgamento subjectivo baseado em sensações ou estados de alma, bem podemos imaginar as dificuldades enfrentadas pelo artista face à incompreensão das suas ideias pelas pessoas do seu tempo. Mas à luz de uma nova concepção espiritual introduzida pelo Movimento da Nova Era, no final do século passado, compreende-se-lhe o ímpeto, a força do seu sentir, que o impelia a seguir em frente como se de uma *missão* se tratasse, e que foi realizada com uma enorme integridade intelectual e artística, que hoje se lhe reconhece.

Kandinsky (1987, p. 39) era não só conhecedor da obra de Helena Blavatsky (1832-1891), co-fundadora da Sociedade Teosófica, e da de Rudolf Steiner da respectiva secção alemã, como partilhava as mesmas crenças, daí as suas palavras: - “É desta época que data o grande movimento espiritual, cuja Sociedade Teosófica é hoje o resultado visível”. O conhecimento Teosófico de Blavatsky, que segundo a própria lhe terá sido transmitido pelos seus guias e mestres, funda-se na síntese das verdades fundamentais que sempre presidiram a todos os sistemas religiosos, defendendo-os como a base da religião do futuro ou de uma Nova Era (SPRETNAK, 2014, p. 55).

Helena Blavatsky considerava que o espírito e a matéria são aspectos complementares da realidade infinita. A evolução metafísica seria então guiada pela lei da mudança de ciclos

⁴ Para Kandinsky (1987 [1912], p. 73-76), a *Necessidade Interior* que deve orientar o artista, é constituída por três necessidades místicas que criam a unidade da obra da sua arte, em que a primeira remete para o interior do artista, a segunda para as tendências do seu tempo, e a terceira para a especificidade da arte, para o que lhe é próprio.

e, sendo a alma humana um reflexo do Espírito Universal, teria como fim último adquirir virtudes e sabedoria que lhe permitisse o regresso à Unidade, caminho percorrido ao longo de várias reencarnações de aprendizagem kármica (em consequência da acção de cada um). Em *A Voz do Silêncio*, uma tradução de Fernando Pessoa de fragmentos da obra de Blavatsky *O Livro dos Preceitos Áureos*, a mensagem é elucidada pela seguinte metáfora: - “Não separarás o teu ser do Ser, mas fundirás o oceano na gota de água, e a gota de água no oceano.” (BLAVATSKY, 2015 [1889], p. 74).

De facto, a viragem para o século XX foi marcada pelo progresso tecnológico, a crença de que a ciência salvaria a humanidade de todos os males, e o materialismo reinante traria a felicidade por todos desejada. Tal como outros intelectuais do seu tempo, Kandinsky vislumbrava já a degradação social a que tal ‘sonho’ levaria. Poucos no seu tempo partilhavam a sua visão, como ele próprio fez questão de salientar, mas ainda assim os que partilhavam terão sido alertados pelo olhar atento sobre a realidade à sua volta, e a procura de novo conhecimento.

Max Weber (1990 [1905], p. 136), que também não acreditava no sonho da felicidade materialista, falava também no desencantamento do mundo. Na conferência que proferiu em 1919, a convite da Associação Livre dos Estudantes de Munique, intitulada *A Ciência como Vocaçào*, fez referência à exclusão do mágico no mundo decorrente do uso do cálculo e da previsão, levantando a questão:

Se todo este processo de desmagificação, prolongado durante milénios na cultura ocidental, se todo este ‘progresso’ em que a ciência se insere como elemento integrante e força propulsora, tem algum sentido que transcenda o puramente prático e técnico (WEBER, 1979, p. 122).

No final da conferência respondeu à questão inicial, afirmando que no seu entender:

O destino do nosso tempo, racionalizado e intelectualizado e, sobretudo, desmitificador do mundo, é que precisamente os valores últimos e mais sublimes desapareceram da vida pública e se retiraram, ou para o reino ultraterreno da vida mística, ou para a fraternidade das relações imediatas dos indivíduos entre si (WEBER, 1979, p. 150).

Para Kandinsky, o desmoronamento a que a sociedade estaria condenada pela força do materialismo, levaria as pessoas a voltarem-se para o seu interior. Movendo-se no meio artístico, o autor investiga pelos meios de observação ao seu alcance as artes do seu tempo, tendo presente, por um lado, a realidade retratada como imagem de uma época, como afirma – “*ai se reflecte a sombria imagem do presente*” – e, por outro, vislumbrando a objectivação das mudanças em germinação decorrente da “*grande viragem espiritual*” (KANDINSKY, 1987 [1912], p. 40 [grifo nosso]). Então, através da observação das mudanças na literatura, teatro, música, pintura (Impressionista) e dança, identifica a tendência da *passagem do material para o espiritual* (1987, p. 41). Chega então à conclusão, que a palavra usada na literatura como imagem abstracta de objectos, não

só estimula a imaginação do leitor, como exerce uma comunicação em dois sentidos, um imediato e outro interior (no sentido de “*tocar a alma*”), encontrando aí o indicador das artes do futuro.

É justamente esta vontade de usar uma linguagem abstracta, capaz de ser percebida pela alma do público, que levou Kandinsky a abandonar a pintura figurativa da realidade exterior, ou das formas racionalmente objectiváveis, tornando-se pioneiro na introdução de uma nova representação pictórica abstracta intimista e cosmológica, pois como argumentou:

Para o artista criador que quer e que deve exprimir o seu universo interior, a imitação das coisas da natureza, ainda que bem sucedida, não pode ser um fim em si mesma (...) daí, a existência em pintura da actual procura de ritmo, da construção abstracta, matemática, e também do valor que hoje em dia se atribui à repetição dos tons coloridos, ao dinamismo da cor (KANDINSKY, 1987, p. 50).

O artista defende aqui uma construção plástica cuja linguagem pictórica remete para uma realidade cósmica, cuja percepção ou tomada de consciência por parte do público se dá pela comunicação mística ou transcendental da alma, por isso remetendo ou projectando o ser para o seu interior, e desse modo, levando-o a tomar consciência de si próprio, do seu *self*, e através dele o seu lugar num mundo multidimensional, tal como encontramos nos ensinamentos da espiritualidade da Nova Era. Como vemos, o artista tinha objectivos precisos para a pintura, e o papel que esta desempenhava na sociedade como meio de representação do real, como refere, “o *essencial da linguagem* é a comunicação das ideias e dos sentimentos. Não se deveria adoptar uma atitude diferente face a uma obra de arte.” (KANDINSKY, 1987, p. 104).

Kandinsky tinha uma concepção utilitária da pintura na sociedade, como se tornam elucidativas as suas palavras - “ *A pintura é uma arte, e a arte, no seu conjunto, não é uma criação sem objectivos que se estilhaça no vazio* ” -, mas pelo contrário, entendia ser “uma força cuja finalidade deve desenvolver e apurar a alma humana (o movimento do triângulo)”, considerando, ser “a única linguagem capaz de comunicar com a alma, a única que pode compreender”, pois, como afirmava, “se a arte não está à altura desta tarefa, então nada pode preencher este vazio. Não existe poder que a possa substituir.” (1987, p. 114-115 [grifo nosso]).

Somos então levados a concluir, que os escritos e a obra artística de Kandinsky constituem um sinal, um prenúncio de uma nova concepção do real multidimensional, por isso uma realidade integradora ou unificadora do mundo das aparências e do mundo das ideias da alegoria platónica da caverna ⁵, concepção que encontramos na Teosofia do seu tempo, e décadas mais tarde no movimento espiritual da Nova Era, no final dos anos oitenta, fortemente globalizado com o surgimento da internet em meados dos anos

5 No Livro VII da obra de Platão (2001 [séc. IV aC], pp. 315-359): - A República.

noventa, embora já latente nos movimentos da designada contracultura, surgidos na segunda metade do séc. XX.

5 | A CONSTRUÇÃO PLÁSTICA DA INFINITUDE IMANENTE EM ROTHKO

Ao ler-se a obra escrita de Rothko, fica-se com a convicção que o artista tinha inquietações filosóficas de natureza existencial, que imbricavam directamente na sua pintura e no que ela representava, enquanto espaço de linguagem e comunicação do real. Encontramos uma procura insistente sobre a historicidade da representação do real na pintura, que em última análise radica numa inquietação sob a sua própria orientação no processo criativo, nas suas palavras: - “Todas as épocas têm que formar de alguma maneira a sua própria unidade à luz dos conhecimentos que possuem, de outro modo a vida não progrediria.” (ROTHKO, 2007 [1970], p. 148).

Rothko reflecte essencialmente sobre a pintura como *bela-arte*, e o papel que esta desempenha na compreensão da humanidade, distinguindo-a da pintura das artes decorativas ou aplicadas. Tece também críticas a todos aqueles que defendem ou produzem uma pintura com ausência de objectivos, designando-a de “arte ineficaz” (2007, p. 148). Aqui, o enfoque da sua análise não são tanto os materiais e os métodos utilizados no processo criativo, mas “as motivações e os objectivos da criação”. Facto, que se encontra intimamente relacionado com a concepção de belo que defende, nas suas palavras: - “a percepção do belo é, sem dúvida, uma experiência emocional. Essa exaltação é composta habitualmente de sentimentos, sensações e, no seu estado mais elevado, aprovação intelectual.” (ROTHKO, 2007, p. 151, p.153).

Como vemos, o belo em Rothko aproxima-se da definição hegeliana de inspiração platónica, enquanto conceito abstracto remetido para o plano espiritual, mas também da concepção de sublime kantiana⁶. Porém, o que poderíamos designar de *belo-sublime* em Rothko, apesar de retomar o ideal platónico de beleza associada ao mundo das ideias, produz exaltação ao transcender a dualidade do real, permitindo assim a compreensão de “que o belo é também composto de dor, que o Bem tem que incluir o Mal, etc.” (2007, p. 167), por isso representa o real unificado ou a totalidade una. Deste modo, o *belo-sublime* torna-se um vector de “comunicabilidade da arte”, daí a complexidade com que o artista se depara quando movido pela vontade de querer implicar o público na sua experimentação, usando para o efeito os recursos plásticos ao seu alcance.

Rothko considera então, que a beleza de uma obra artística transpõe os aspectos meramente técnicos (forma, cor, perspectiva, luz/sombra, equilíbrio espacial, etc.), que em última análise diríamos nós, remetem para a contemplação cirúrgica ou o deleite do

⁶ A estética kantiana concilia os princípios platónicos e os aristotélicos, remetendo os primeiros para a sua noção de sublime (ideal apreendido pela razão, conhecimento), que cria espanto, infinitude, e comporta prazer e dor; e os segundos para a sua noção de belo (apreensão pelos sentidos ou faculdade de imaginação), dirigido à contemplação do “sujeito e ao seu sentimento de prazer ou desprazer” (KANT, 1995 [1790], p. 47).

belo enquanto apelo à sensualidade e ao prazer. Ao seu invés, afigura-se-lhe como algo dinâmico, de modo a “criar lugar para o ajuste entre prazer e dor na experiência do belo” (ROTHKO, 2007, p. 153). Para Rothko, a reacção do sujeito é então a constante, e os estímulos da obra de arte as variáveis que contribuem para que as possamos considerar de ‘belas’, e sobre os quais o artista precisa de dar evidências da sua arte, acrescentaríamos nós.

Como vemos, a reflexão de Rothko sobre o belo na arte, do *belo-sublime* como o designámos, ou das Belas-artes em geral, dirige-se à procura de uma unidade plástica na pintura que implique o sujeito num processo de experimentação transcendental, de representação da totalidade do real, como denota a analogia que estabelece com o processo de criação, quando refere:

De novo como no caso de Deus, só podemos conhecer as suas manifestações através das obras, que, muito embora nunca revelem completamente a totalidade dessa abstracção, simbolizam-na, manifestando diferentes faces suas nas obras de arte. Portanto, sentir o belo é participar na abstracção através de um agente específico. Num certo sentido, isto é, um reflexo da infinitude do real (ROTHKO, 2007, p. 156).

A unidade ou totalidade da representação do real no espaço pictórico, e por consequência para o indivíduo marcado pela cultura ocidental, constituiu assim uma das inquietações de Rothko, como argumentou, “Platão proclamava que as coisas não eram o que pareciam [Alegoria da Caverna], apesar de não ter concebido *a base física ou mecânica que servia de intermediária entre o parecer e o ser*”, acrescentando, que o “*Cristianismo aceitou a distinção platónica e incorporou-a num mito humano mítico. O Renascimento, é claro, rejeitou o Platonismo, juntamente com a concepção cristã do real, e cometeu o pecado cristão de tomar a aparência como realidade.*” (2007, p. 111 [grifo nosso]).

Deste modo, o autor conclui que até à Renascença o mito dava totalidade à existência - a pintura não distinguia o *mundo do real* do *mundo da fantasia* - , sendo que a partir daí se terá perdido a totalidade, ou como Weber assinalou, o mundo ficou *desmitificado* e *desmagificado*, por isso *desencantado* (1979 [1919], p. 150). Esta nova realidade terá então tido implicações na produção artística, encontrando-se a partir do Renascimento a fragmentação do espaço na representação do real. Facto, que veio dar primazia à representação das aparências, a realidade objectivável da natureza, que Rothko designa de *pintura ilusória*, daí considerar compreensível o facto de que a “arte nunca mais, dali em diante, tenha conhecido a unidade da *filosofia do espaço* que é característica dos primitivos, dos Gregos arcaicos e dos Cristão fervorosos.” (2007, p. 147).

Rothko (2007, p. 98) acrescenta ainda, que desde Giotto a cor para os seus próprios fins sensuais e estruturais se foi deteriorando, dada a descoberta da perspectiva, mas que, com Leonardo da Vinci (1452-1519), se terá dado a articulação dos novos conhecimentos da técnica com o elemento plástico - a luz. Justamente a resposta à interrogação que Rothko

procurou em Platão e não encontrou, *i.e.*, a luz é a base física ou mecânica que servia de intermediária entre o parecer e o ser, só que lhe faltava o mito para servir convictamente de elo unificador do real na pintura, tal como o encontramos na espiritualidade da Nova Era, em que a Luz é tida como o Todo, o Uno, o Criador, Deus. Na realidade, Rothko não tinha como identificar este mito, pois ele ainda se encontrava pouco revelado no seu tempo, ainda que em nosso entender o tenha conseguido representar na sua criação artística, mas para isso precisou de explorar outras dimensões da pintura, para que em articulação com a luz, dotassem a construção plástica da objectividade e subjectividade unificadora do real, nomeadamente através da tactilidade e do movimento.

Para Rothko, Cézanne (1839-1906), apesar de dar continuidade à tendência plástica do uso da luz como elemento portador do real visual, e por isso o agente por via do qual o homem conhece o real no mundo das aparências (alegoria da caverna), constituiu um marco de mudança na pintura, introduzindo-lhe factores novos. Segundo Rothko, estes vieram a determinar a orientação da pintura moderna, nomeadamente a relação dos objectos como construção plástica da totalidade, mas entendendo-os como abstrações, *i.e.*, ascendendo ao mundo das ideias, das representações mentais.

Deste modo, Rothko acaba por concluir que, como o mundo das aparências é o mundo dos pormenores, as artes que não se ocuparam de nenhum mito nostálgico desde o Renascimento ocupam-se de detalhes, *i.e.*, o artista tenta transmitir o carácter geral a partir de coisas específicas que ele necessita de usar como encarnação das suas concepções plásticas. Porém, como adverte, para Cézanne tratava-se de “ampliar as implicações que as suas impressões deixam no mundo da aparência - e ampliá-las até serem relevantes no mundo humano da sensualidade”, concluindo:

E neste esforço, a luz é o elo, pois é graças a ela que o artista faz com que as aparências que o estimulam participem numa categoria geral da observação visual, e não só: é dentro dessa categoria que ele encontra o meio para simbolizar os sentimentos que nutre por essas aparências. Porque a luz permite que um novo factor, a que chamamos *emocionalidade*, substitua a sensualidade aberta do mitológico (ROTHKO, 2007, p. 102).

Como vemos, tanto na pintura de Rothko como na espiritualidade da Nova Era, a Luz é o elo de unidade do real. O artista explora ainda a emocionalidade humana e o movimento, reforçando a capacidade expressiva das suas criações plásticas, o que o terá levado a afirmar: - “If you are only moved by color relationships, you are missing the point. I am interested in expressing the big emotions - tragedy, ecstasy, doom.”⁷

7 MoMA, n.º 5 / n.º22, 1950 (1949 no verso), óleo sobre tela, 297 x 272 cm. Veja-se também Os Murais na capela de Houston, espaço usado para meditações; e na Tate Gallery, Mural, secção 3, 1959, óleo sobre tela, 266,7 x 457,2 cm, e sala Mark Rothko.

6 | APONTAMENTO FINAL

O estado da arte actual (ocidental, refira-se) resultou da perda da apreensão da totalidade do real, tal como na vida, após a desmitificação do mundo a partir do Renascimento, o que terá levado Weber a afirmar que o mundo se tornou desencantado. Também, no final do século XX, apesar dos entusiastas da técnica lhe encontrarem virtualidades deslumbrantes em prol da felicidade humana, já hoje sentidas, e porventura ampliadas no amanhã com as inovações tecnológicas que ainda estão para vir, a desilusão face às metanarrativas modernas do progresso científico e tecnológico, e das ideologias do materialismo histórico abriram um vazio sobre o futuro. É neste contexto, que em nosso entender, a relativização da importância da unidade do real enquanto problema teórico-filosófico na pintura, e na arte em geral, se poderá compreender.

Como vimos, o debate aberto no campo das artes em torno deste problema tem vindo a radicalizar-se desde o final do século XX. Em última instância, o estado da arte do debate radica justamente em saber, o que actualmente é e não é arte. Os defensores da importância da procura da unidade plástica na construção estética, consideram que muita da produção artística actualmente legitimada pelas instituições que detêm esse poder, se insere na categoria de uma pós-arte (KUSPIT, 2004, p. 105), de uma arte pela arte, falando-se mesmo no fim da arte, ou como vimos, numa arte “vazia” (KANDINSKY, 1987 [1912], p. 114), “ineficaz” (ROTHKO, 2007 [1970], p. 148) ou “nula” (BAUDRILLARD, 2005, p. 87).

Já para os defensores das actuais tendências artísticas, este problema não se coloca mais, pois não faz mais sentido limitar ou criar condicionantes estéticos ou de qualquer outra ordem à criação artística, tudo pode ser arte, embora, como vimos, desde que obtenha a chancela de um curador ‘consagrado’ no campo, na acepção de Bourdieu (1994).

O pano de fundo do debate, por vezes acérrimo, como ainda que de forma superficial aqui demos conta, radica justamente nas diferentes interpretações ou concepções do real ou “diferenças de fé espacial”, como as designa Rothko, daí as suas ilações ao afirmar:

Os que acham que o homem tem que acreditar numa unidade suprema para poder prosseguir minimamente enquanto indivíduo social irão, é evidente, rejeitar esta arte considerando-a anti-social. Os que negam que o homem possa procurar conforto em ilusões criadas por si próprio, defendê-la-ão (ROTHKO, 2007, p. 148).

Pelos escritos que nos deixaram, quer Rothko quer Kandinsky estavam bem cientes das limitações do seu tempo na compreensão das suas respectivas obras de arte. Mas, enquanto em Kandinsky se encontra uma fé optimista no futuro, em Rothko encontramos uma inquietação profunda, como deixam antever as suas palavras:

A procura de um mito revela uma insatisfação com verdades parciais e segmentadas, bem como um desejo de mergulhar na felicidade de uma unidade toda abrangente. Esta procura continua ainda, neste preciso momento (ROTHKO, 2007, p. 107 [grifo nosso]).

Como anotámos, o movimento da espiritualidade da Nova Era surgiu no final dos anos oitenta do século XX, ainda que subsidiário de ideais e crenças já conhecidas, por isso, num tempo posterior aos das vidas dos dois pintores em análise. Nos anos noventa, assistiu-se à descoberta da internet, e desde aí o *movimento* tem-se disseminado pelo mundo, tocando pessoas com diferentes heranças culturais e civilizacionais, etnias, grupos sociais, sendo por isso partilhada nos dias de hoje à escala global e, nesse sentido, trata-se da primeira crença religiosa global desterritorializada, sem *governança* e sem *profetas*. Ainda assim, podemos encontrar nas suas revelações uma narrativa mítica, mas de natureza abstracta, *i.e.*, que se funda numa espiritualidade assente numa visão quântica e cosmológica do real imanente, marcada pela democratização do acesso à *verdade formular*, na acepção de Giddens (2000, p. 62), e por isso que transcende largamente as crenças religiosas tradicionais até então conhecidas.

Somos então levados a concluir, que a emergente espiritualidade da Nova Era coloca o *elo* unificador da totalidade numa nova abordagem, num novo mito do real que, no debate em aberto no mundo das artes, permite que a objectividade e a subjectividade se integrem no espaço pictórico plástico, transcendendo assim o parecer e o ser, ou o mundo das aparências e o mundo das ideias, *ainda que numa narrativa abstracta, quântica e cosmológica*, o que nos leva a perspectivar, que no limiar do século XXI — o *mundo parece ter ficado de novo encantado, tornando-se assim de novo misterioso!* De facto, na emergente espiritualidade da Nova Era encontramos uma narrativa mítica da existência que aponta um *Caminho*. Comporta por isso como em todos os mitos, uma nova profecia, ainda que sem profetas, pois apela à procura interior no processo imanente da experimentação da vida de cada um, sem fornecer roteiros, pois o caminho faz-se caminhando, tal como encontramos materializado na pintura de Kandinsky e Rothko.

REFERÊNCIAS

BAAL-TESHUVA, J. **Rothko**. Colonia: Taschen, 2003.

BAUDRILLARD, J. **Le complot de l'art. Illusion et désillusion esthétiques**. Paris: Sens & Tonka, 2005.

BECKER, H. S. **Mundos da Arte**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BLAVATSKY, H. **A Voz do Silêncio**. Lisboa: Vega, 2015.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 3ª ed. Lisboa: Difel, 1994.

DELEUZE, G. L'immanence: une vie. *Philosophie*, n.º 47, p. 3-7. 1995.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELKINS, J. **On the Strange Place of Religion in Contemporary Art**. London: Routledge, 2004.

GIDDENS, A. Viver numa Sociedade Pós-Tradicional. *In*: BECK, U., GIDDENS, A. & LASH, S., **Modernização Reflexiva. Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno**. Oeiras: Celta, 2000. p. 53-104.

GUERRIERO, S. A Nova Era em São Paulo: Questionamentos sobre o conceito de Religião. *In*: **Anais do I Congresso Lusófona de Ciência das Religiões – Simpósio Formas Religiosas do Movimento Espiritual na Nova Era v. XVI**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2015. p. 25-38.

HANEGRAFF, W. J. **New Age religion and western culture. Esotericism in the mirror of secular thought**. New York: State University of New York Press, 1998.

HEELAS, P. **The New Age Movement: The Celebration of the Self and the Sacralization of Modernity**. Oxford: Blackwell Publishing, 1996.

HEELAS, P. & WOODHEAD, L. **The spiritual revolution. Why religion is giving way to spirituality**. London: Blackwell Publishing, 2005.

HOWARD, A. **This is Kandinsky**. London: Laurence King, 2015.

HUNT, S. J. **Alternative Religions: A Sociological Introduction**. 2nd ed. Guilford: Ashgate Publishing, 2004.

KANDINSKY, W. **Do Espiritual na Arte**. Lisboa: Edições 70, 1987.

Kant, I. **Crítica da faculdade do juízo**. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

KUSPIT, D. Reconsidering the Spiritual in Art. **Blackbird**, v. 2, n.º 1, p. 1-13, 2003.

KUSPIT, D. **The End of Art**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MARCUSE, H. **A Dimensão Estética**. Lisboa: Edições 70, 2007.

MARIVOET, S. (2015). A espiritualidade da Nova Era como fenómeno religioso emergente das sociedades contemporâneas reflexivas e pós-tradicionais. *In* **Anais do I Congresso Lusófona de Ciência das Religiões - Simpósio Formas Religiosas do Movimento Espiritual na Nova Era**. Vol. XVI. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2015. p. 6-24.

MIRANDA, J. **Envios. Uma experimentação filosófica na internet**. Lisboa: Nova Vega, 2008.

MIRANDA, J. & CRUZ, M. (org.). **Crítica das Ligações na Era da Técnica, Ligações_Links_Liations**. Lisboa: Tropismos, 2002.

PERLMUTTER, D. & KOPPMAN, D. **Reclaiming the spiritual in art. Comtemporary cross-cultural perspectives.** New York: SUNY Press, 1999.

PLATÃO. **A República, Livro VII.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ROTHKO, M. **A realidade do artista.** Lisboa: Cotovia, 2007.

READ, H. **A Arte e a Sociedade.** Lisboa: Biblioteca Cosmos, 1946.

SERRA, R. (2013). **Vox Dei. Metáfora(s) da Espiritualidade.** Dissertação de Doutoramento em Belas-Artes, Especialidade de Pintura, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, 2013.

SPRETNAK, C. **The Spiritual Dynamic in Modern Art. Art History, 1800 to the Present.** New York: palgrave macmillan, 2014.

SUTCLIFFE, S. & BOWMAN, M. (eds.). **Beyond New Age: Exploring Alternative Spirituality.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

SUTCLIFFE, S. & GILHUS, I. S. **New Age Spirituality: Rethinking Religion.** London: Routledge, 2014.

VIDAL, C. **Invisibilidade da Pintura. Uma História de Giotto a Bruce Nauman.** Lisboa: Fenda Edições, 2015.

WEBER, M. **O político e o cientista.** Lisboa: Editorial Presença, 1979.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** Lisboa: Editorial Presença, 1990.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abandono Emocional 47
Achille Mbembe 6, 52, 53, 62, 64
Antropologia 33, 34, 89, 109, 182, 186, 187, 223, 230

B

Base Nacional Curricular Comum 185

C

Ciência sem Fronteiras 7, 110, 111, 114, 121, 122
Classes Sociais 7, 29, 122, 166
Comunidades Rurais 98, 99, 104
Consciência Ecológica 83, 86, 89, 95
Costureiros 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 178
Crimes contra a honra 207, 213, 214
Crise da modernidade ocidental 6, 1, 2, 10
Currículo básico 5, 7, 180, 181, 190

D

Deleuze 52, 64, 129, 138
Democracia racial 5, 6, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 30, 31, 33, 34, 37
Desigualdade Social 15, 113, 223
Direitos da infância 209, 219
Ditadura Civil-Militar 177, 223, 224

E

Ecologia de saberes 1, 2, 3, 7, 12, 16
Escola de Chicago 83, 90, 91, 95
Espiritualidade 125, 126, 127, 129, 132, 135, 137, 138, 139
Estado Democrático de Direito 207, 208, 214, 218
Ética do cuidado 5, 6, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80
Ética profissional 69, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 150

F

Favela de Acari 220, 222

G

Gilberto Freyre 19, 21, 23, 34, 36, 197, 205

H

Human Exemptionalism Paradigm 91

I

Interseccionalidade 110, 112, 119, 121, 122

M

Mães de Acari 8, 220, 221, 222, 226, 228, 229, 230, 231

Memória Coletiva 98, 100, 106, 108, 109

Mercado de trabalho 7, 152, 154, 155, 156, 157, 160, 162, 163, 164, 224

Michel Foucault 6, 52, 53, 58

Mobilidade Espacial 98, 106, 107, 108

Modelo Patriarcal 212, 215

Movimento Negro 111, 112

N

New Environmental Paradigm 83, 91

Nova Era 125, 126, 128, 129, 130, 132, 135, 137, 138

P

Pós-modernidade 6, 1, 2, 6, 7, 11, 15

Projetos Intervencionista 98

Q

Quilombo 19, 23, 35, 36

R

Regime de Poder 6, 52, 53, 57, 63

Relativização 25, 136, 140, 141, 144

S

Sigilo Profissional 7, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

Sul Global 1, 2, 3, 5, 6, 7, 16

T

Teoria Moral 69, 70, 71, 79, 81

Teoria Política 56, 193

V

Violência contra a mulher 207, 208, 219

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021